

Apresentação

Ana Urraca Ruiz*

Este dossiê da Revista Econômica traz a debate uma das questões mais controversas que atualmente os economistas latino-americanos vêm tratando na busca de novos caminhos de desenvolvimento para América Latina.

Dentro da visão de desenvolvimento da tradição cepalina-estruturalista, a controvérsia surge pela aposta, de um lado, e o questionamento, de outro, de uma estratégia de crescimento sustentável no longo prazo baseada em uma especialização produtiva construída a partir da exploração das potencialidades e vantagens que a América Latina tem em seus recursos naturais, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento de cadeias produtivas, quanto à criação de valor.

Carlota Pérez trata de mostrar que o aproveitamento desse tipo de vantagens não é só uma, mas a melhor alternativa de especialização produtiva para o desenvolvimento da América Latina. Para isto, a autora começa por uma revisão do modelo de substituição de importações que, apesar de seu sucesso nos anos sessenta e setenta, esgotou-se nos oitenta com a chegada dos paradigmas tecnológicos da eletrônica e as telecomunicações. A autora prossegue na sua argumentação examinando os novos elementos críticos do cenário internacional dos anos noventa e primeiros dois mil, alguns dos quais estão relacionados ao surgimento desses novos paradigmas: a globalização tecnológica, produtiva e financeira; a liberalização dos mercados e o pensamento neoliberal; a reação da Ásia e a perda de oportunidades na América Latina; o novo papel desempenhado pelas atuais Corporações Globais e a importância de seu alinhamento com os objetivos de desenvolvimento perseguidos pelos governos; e a *hiper-segmentação* internacional em sua tripla dimensão, a produtiva (cadeias de valor), a tecnológica e a dos mercados.

A partir deste cenário, Carlota constrói sua proposta. Tal como a Ásia fez uso da sua vantagem comparativa na dotação de recursos de “mão de obra”, a autora entende que a América Latina tem uma “janela de oportunidade” encaminhando sua reestruturação produtiva à exploração de suas vantagens em recursos naturais, incorporando os conhecimentos trazidos pelos paradigmas tecnológicos (incluindo biotecnologia), cujas possibilidades ainda não estão esgotadas. Tratar-se-ia de uma mudança estrutural gradual dirigida a indústrias de processos, desde *commodities* de grande escala (aço, alumínio, papel, refino, cerveja, petroquí-

*Professora Associada da Faculdade de Economia, UFF. E-mail: anarui@economia.uff.br

mica, alimentos), até os de escala intermediária (química, materiais), assim como em produtos de nicho. Essa especialização permitiria desenvolver capacidades sobre competências tecnológicas e produtivas que gradualmente iriam avançando para tecnologias mais complexas (ciências de materiais e ciências da vida) e para atividades mais especializadas e de maior valor agregado.

A proposta enfrenta ainda vários questionamentos *positivos* previsíveis pela autora, como a literatura sobre “maldição dos recursos naturais”, a questão da “doença holandesa” pelo efeito deste tipo de especialização sobre a taxa de câmbio, e outros de tipo *normativo*, como o papel do Estado e o ambiente institucional adequado para fazer possível a proposta sem deixar de lado um objetivo de fundo que é de prioritário em América Latina: a questão social.

O texto de Carlota conta com os comentários de vários autores. Em primeiro lugar, os pesquisadores argentinos *Florencia Barletta*, *Verónica Robert* e *Gabriel Yoguel* chamam a atenção sobre as dificuldades de a América Latina “pegar carona” na hiper-segmentação produtiva e tecnológica derivada da globalização. Em seu lugar, eles confiam mais numa mudança estrutural baseada na criação de novos setores (*unrelated variety*) do que a baseada na diversificação dos existentes (*related variety*); uma mudança estrutural pautada pela eficiência *keynesiana* (setores de elevada elasticidade-renda e dinamismo da demanda) e *schumpeteriana* (setores que incorporam alta tecnologia). Eles colocam ainda dúvidas perante fatos tão relevantes como o papel da China, o preço internacional das *commodities* e a possível deterioração dos termos de troca assim como os riscos sobre a taxa de câmbio.

Em segundo lugar, *Frederico Rocha* enfatiza seu comentário em dois aspectos: a extensão da *Lei de Engel*, refletida na menor elasticidade renda das exportações latino-americanas com respeito àquelas de outros países, e a sobrevalorização da taxa de câmbio, problema que atualmente enfrentam muitas economias latino-americanas, fruto de políticas econômicas liberalizantes. Para esse autor, a proposta de Carlota é uma solução alternativa às propostas de política macroeconômica que, para resolver a questão cambial, agravariam os problemas de distribuição de renda. O autor observa os problemas de diversificação nas indústrias de processo, mas, assim como Carlota, considera que a questão competitiva está além da questão cambial e concorda com a ideia de “construção de capacitações” mediante o aprendizado e o *catching-up* sobre vantagens domésticas, qualificando este como “um caminho não obtido por escolha, mas por exclusão”.